

Ao me aprofundar no trabalho de Mari Nagem, deparei-me com uma pesquisa que explora a relação entre cultura digital e natureza. Usando diversas mídias, cores vibrantes e contornos marcantes, suas obras destacam a artificialidade das paisagens, a subjetividade dos dados e a busca capitalista pela felicidade. Com títulos instigantes, Nagem questiona a existência e tenta trazer sensibilidade ao nosso vínculo com as máquinas. Entre seus trabalhos, um em especial chamou minha atenção: *Infinitum*. Abri o link do vídeo e fiquei minutos em um scroll infinito entre camadas de rochas que apareciam na minha tela. Fiquei pensando se aquelas rochas poderiam, de algum modo, ouvir ou sentir minha presença, como na história que a antropóloga estadunidense Elizabeth Povinelli contou sobre o povo Larrakia e sua relação com a Old Man Rock. A sensação era de que as camadas geológicas e digitais estavam conectadas de maneira mais profunda, como se o tempo e a materialidade das rochas se misturassem à lógica virtual do vídeo generativo.

A história à qual me referi no parágrafo anterior é narrada por Povinelli no artigo “Do rocks listen?” (1995). Ela nos fala sobre uma audiência do processo conhecido como Kenbi Land Claim, no qual o povo Larrakia buscava o direito à Península Cox, na Austrália. Durante a audiência, uma mulher do povo Belyuen explica que a rocha sagrada nomeada Old Man Rock, central em sua cosmologia, podia sentir e ouvir o seu povo quando caçavam, coletavam alimentos ou descansavam na área. O responsável do Estado, encarregado de avaliar a autenticidade cultural desse relato, ouviu a mulher, mas sua análise baseou-se, sobretudo, em premissas ocidentais: ele apenas conseguia perceber o valor econômico e ecológico da terra de forma científica e objetiva, desconsiderando a perspectiva cultural.

A autora utiliza-se dessa história para argumentar que o pensamento ocidental está enraizado no que ela denomina de “imaginário do carbono”, lógica que separa vida e não vida com base em processos biológicos como nascer, crescer, reproduzir-se e morrer. Entidades como rochas e minerais são vistas como inertes e sem relevância ontológica. A crise ecológica do Antropoceno, no entanto, desafiaria esse paradigma, mostrando que a deterioração ambiental é também uma crise civilizacional e epistemológica. Como alternativa à situação em que vivemos, Povinelli propõe a construção de uma “geontologia”, uma forma de pensar diferente, que reconhece a interdependência entre seres orgânicos e inorgânicos e que desafia a separação entre o mundo físico e o humano.

Um dos primeiros passos para a construção dessa outra ontologia propõe que desdramatizemos a extinção humana, percebendo-a como parte de um processo contínuo de desaparecimento de diversas formas de vida, que ocorre há séculos - focamos a iminência de um grande acontecimento, enquanto nosso cotidiano é marcado por inúmeras situações de sofrimento, precariedade e exaustão, como os extermínios e as condições degradantes impostas a certos indivíduos e povos, além da contínua degradação dos seres da Terra, tratados apenas como recursos naturais. Em vez de focar exclusivamente na preservação da humanidade, a geontologia amplia a preocupação para os arranjos que sustentam todas as existências.

Estaria a artista Mari Nagem, em seu trabalho, mobilizando alguns operadores disso que chamamos nos parágrafos anteriores de geontologia?

Primeiramente, talvez pudéssemos dizer que *Calorcito*, mostra individual de Nagem, tem diálogos com o domínio da ficção científica, ou melhor, da ficção especulativa. À primeira vista, essa frase, que escolhi para iniciar o texto, não carrega juízo de valor. Um olhar mais atento, no entanto, leva-nos a interpretá-la de modo a afirmar que Nagem habita, com coragem, sua realidade e busca, por meio da ficção, construir uma alternativa para o momento de catástrofe climática e para a terra arrasada dominada pela internet e pelas tecnologias digitais. A exposição nos leva a considerar cenários pós-catástrofe, em que ruínas tecnológicas e novas paisagens emergem, sugerindo que a Terra continuará a se transformar, mesmo sem a presença humana. Explora-se a interseção entre o natural e o artificial, projetando uma realidade na qual o planeta é moldado de maneiras imprevisíveis e desconhecidas.

Nesse contexto, o calor, ponto central aqui, vai além de conectar vida e matéria inerte, representando tanto o poder transformador da Terra quanto os efeitos devastadores da ação humana. Nagem questiona a separação tradicional entre o orgânico e o inorgânico, destacando a interdependência entre processos naturais, tecnológicos e biológicos. Na instalação Poente, por exemplo, parte da série RGB, o pôr do sol é recriado por meio de luzes artificiais, associando a cor vermelha a um cenário de secura e desolação. Os reflexos que antes se formariam na água agora se projetam diretamente no chão, reforçando a ideia de colapso entre a natureza e o tecnológico. Com esse trabalho, a artista parece sugerir que, mesmo com a ausência humana, o planeta continua a se transformar, habitado por vestígios tecnológicos, formas de vida microscópicas e ruínas plásticas.

Já em Ondas de Calor, a artista explora a dissolução das fronteiras entre o natural e o artificial. A chuva metálica, gerada por motores sincronizados, simboliza a fusão dessas duas dimensões, em que um fenômeno tipicamente natural, como a chuva, é transformado em algo mecanizado e desprovido de sua organicidade original. O gesto subverte a dicotomia entre o que é natural e o que é construído, ressaltando como a ação humana e a tecnologia intervêm nos processos ambientais, criando outras realidades geológicas e atmosféricas.

Em Estratégias de Proteção, Mari Nagem utiliza seções de ninhos de pássaros, reorganizadas em complexas estruturas celulares, para refletir como as estratégias naturais de proteção foram modificadas pela interferência tecnológica. Os desenhos seccionais desses ninhos são sobrepostos, formando composições que sugerem adaptação e movimento constante - uma metáfora para a capacidade dos sistemas naturais de se ajustar às novas condições. A cerâmica que acompanha a obra, com um ímã pintado que remete a um olho vigilante, simboliza a presença constante da observação e da resistência. Nagem sugere que, apesar da intervenção humana, a natureza continua a encontrar maneiras de sobreviver, incorporando o artificial em sua luta pela continuidade.

Por fim, na série de pinturas NGrams, Mari utiliza dados mapeados pelo Google sobre a frequência de palavras em fontes impressas do século 20 para criar paisagens gráficas que se organizam como breves narrativas visuais. Cada palavra é representada por uma cor, e sua distribuição ao longo do tempo revela padrões linguísticos e históricos. Ao utilizar algoritmos que processam e organizam grandes volumes de informação, a obra, ao mesmo tempo, consegue recriar uma parte das paisagens culturais dos contextos históricos mapeados pela base de dados e nos convida a refletir sobre a relação entre inteligência humana e tecnologia, sugerindo que os processos automatizados de coleta e análise de dados participam ativamente da construção de novas leituras sobre o passado e o presente.

Calorcito nos desafia a refletir: que paisagens a Terra criará a partir das ruínas tecnológicas e da destruição climática? Quais vestígios do presente sobreviverão e que novas formas de vida emergirão desse cenário? Mari Nagem nos convida a pensar além das fronteiras humanas, sugerindo que, mesmo em meio ao colapso, o planeta continuará a se transformar como um agente geontológico, em constante mudança.

Ana Roman

1.A obra em questão foi realizada em colaboração com Thiago Hersan e será exibido em Setembro no espaço independente Canteiro, em São Paulo.

2.POVINELLI, Elizabeth A. "Do rocks listen?", in: American Anthropologist. New Series, vol. XCVII, n° 3 (1995), p. 505-518.

3. Old Man Rock, ou Darri-ba Nungalinya, é uma rocha sagrada situada perto da costa de Nightcliff, na cidade de Darwin, no território do norte da Austrália. Segundo a tradição, seu espírito, quando perturbado pelas ações humanas, pode provocar devastação, desencadeando fenômenos meteorológicos extremos, como tempestades violentas e ciclones.

4.POVINELLI, Elizabeth A. Geontologies: A Requiem to Late Liberalism. Durham: Duke University Press, 2016.

5.Expressão que remete ao pensamento de Donna Haraway. Ela nos desafia a "pensar diferente" ao questionar as divisões tradicionais entre natureza e cultura, humano e não humano. Ela propõe o abandono da visão hierárquica que coloca o humano no centro, e, em vez disso, abraçar a interdependência entre espécies, tecnologias e o planeta. Esse novo modo de pensar, segundo Haraway, exige colaboração e coevolução entre diversas formas de vida, promovendo uma convivência mais equilibrada e menos exploratória em um mundo em constante transformação. Para saber mais: HARAWAY, Donna. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

6.Expressão usada por Marisol de la Cadena no artigo "Indigenous Cosmopolitics in the Andes: Conceptual Reflections beyond 'Politics'". In: Cultural Anthropology, vol. 25, n° 2, 2010, p. 334-370.

7.HARAWAY, Donna. Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene. Durham: Duke University Press, 2016.

8.A expressão faz referência ao livro Terra Arrasada, de Jonathan Crary, no qual o autor discute como o capitalismo tardio e o "complexo internético" - composto de redes sociais, inteligência artificial e outras tecnologias digitais - limitam nossa existência e devastam o meio ambiente e a sociedade. Para saber mais: CRARY, Jonathan. Terra Arrasada. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

As I delved into Mari Nagem's work, I encountered research that explores the relationship between digital culture and nature. Using various media, vibrant colors, and striking contours, her works highlight the artificiality of landscapes, the subjectivity of data, and the capitalist pursuit of happiness. With thought-provoking titles, Nagem questions existence and attempts to bring sensitivity to our connection with machines. Among her works, one in particular caught my attention: *Infinitum*. I opened the video link and spent minutes in an infinite scroll through layers of rocks appearing on my screen. I wondered if those rocks could somehow hear or feel my presence, reminiscent of the story told by American anthropologist Elizabeth Povinelli about the Larrakia people and their relationship with Old Man Rock. The sensation was that the geological and digital layers were deeply connected, as if the time and materiality of the rocks blended with the virtual logic of the generative video.

The story I referred to in the previous paragraph is narrated by Povinelli in the article "Do rocks listen?" (1995). She describes a hearing in the Kenbi Land Claim process, in which the Larrakia people sought rights to the Cox Peninsula in Australia. During the hearing, a woman from the Belyuen community explained that the sacred rock known as Old Man Rock, central to their cosmology, could feel and hear her people when they hunted, gathered food, or rested in the area. The state official responsible for assessing the cultural authenticity of this account listened to the woman but based his analysis primarily on Western premises: he could only perceive the economic and ecological value of the land scientifically and objectively, disregarding the cultural perspective.

The author uses this story to argue that Western thought is rooted in what she calls the "carbon imaginary," a logic that separates life and non-life based on biological processes such as birth, growth, reproduction, and death. Entities like rocks and minerals are seen as inert and ontologically irrelevant. However, the ecological crisis of the Anthropocene challenges this paradigm, revealing that environmental degradation is also a civilizational and epistemological crisis. As an alternative to the situation we face, Povinelli proposes the construction of a "geontology," a different way of thinking that recognizes the interdependence between organic and inorganic beings and challenges the separation between the physical world and the human.

One of the first steps toward building this alternative ontology suggests that we de-dramatize human extinction, perceiving it as part of an ongoing process of the disappearance of various forms of life that has been happening for centuries—we focus on the imminence of a major event, while our daily lives are marked by countless situations of suffering, precarity, and exhaustion, such as exterminations and degrading conditions imposed on certain individuals and peoples, as well as the continuous degradation of Earth's beings, treated only as natural resources. Instead of focusing exclusively on the preservation of humanity, geontology broadens the concern to include the arrangements that sustain all existences.

Could the artist Mari Nagem, in her work, be mobilizing some of the operators of what we have called in the previous paragraphs geontology?

Firstly, we might say that *Calorcito*, Nagem's solo exhibition, engages with the realm of science fiction, or rather, speculative fiction. At first glance, this statement, which I chose to open the text with, does not carry a value judgment. However, a closer look leads us to interpret it in a way that asserts that Nagem courageously inhabits her reality and, through fiction, seeks to build an alternative for the moment of climate catastrophe and the devastated land dominated by the internet and digital technologies. The exhibition prompts us to consider post-catastrophe scenarios, where technological ruins and new landscapes emerge, suggesting that Earth will continue to transform, even without human presence. It explores the intersection of the natural and the artificial, projecting a reality in which the planet is shaped in unpredictable and unknown ways.

In this context, heat, the central theme here, goes beyond connecting life and inert matter, representing both the transformative power of the Earth and the devastating effects of human

action. Nagem questions the traditional separation between the organic and the inorganic, highlighting the interdependence between natural, technological, and biological processes. In the installation Poente, for example, part of the RGB series, the sunset is recreated through artificial lights, associating the color red with a scene of dryness and desolation. The reflections that would have previously formed on the water now project directly onto the ground, reinforcing the idea of a collapse between nature and technology. With this work, the artist seems to suggest that even in the absence of humans, the planet continues to transform, inhabited by technological remnants, microscopic life forms, and plastic ruins.

In Heat Waves, Nagem explores the dissolution of boundaries between the natural and the artificial. Metallic rain, generated by synchronized motors, symbolizes the fusion of these two dimensions, where a typically natural phenomenon, like rain, is transformed into something mechanized and stripped of its original organicity. The gesture subverts the dichotomy between what is natural and what is constructed, highlighting how human action and technology intervene in environmental processes, creating other geological and atmospheric realities.

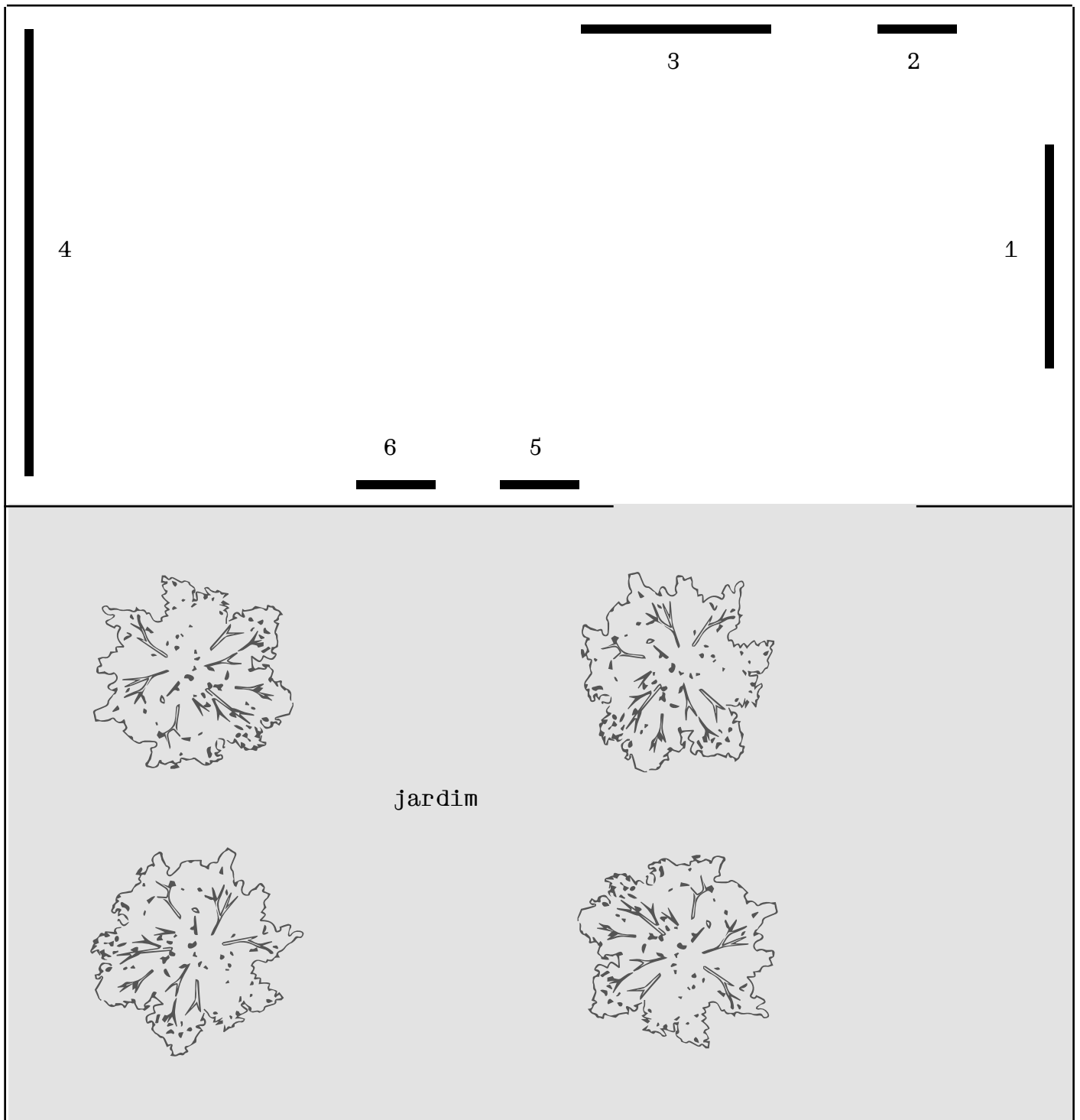
In Strategies of Protection, Mari Nagem uses sections of bird nests, reorganized into complex cellular structures, to reflect on how natural protection strategies have been modified by technological interference. The sectional drawings of these nests are superimposed, forming compositions that suggest constant adaptation and movement—a metaphor for the capacity of natural systems to adjust to new conditions. The accompanying ceramic, with a painted magnet resembling a watchful eye, symbolizes the constant presence of observation and resistance. Nagem suggests that despite human intervention, nature continues to find ways to survive, incorporating the artificial into its struggle for continuity.

Finally, in the NGrams series of paintings, Mari uses data mapped by Google on the frequency of words in printed sources from the 20th century to create graphic landscapes organized as brief visual narratives. Each word is represented by a color, and its distribution over time reveals linguistic and historical patterns. By using algorithms that process and organize large volumes of information, the work manages to recreate part of the cultural landscapes of the historical contexts mapped by the database while inviting us to reflect on the relationship between human intelligence and technology, suggesting that automated data collection and analysis processes actively participate in constructing new readings of the past and present.

Calorcito challenges us to reflect: what landscapes will Earth create from technological ruins and climate destruction? Which traces of the present will survive, and what new forms of life will emerge from this scenario? Mari Nagem invites us to think beyond human boundaries, suggesting that even amid collapse, the planet will continue to transform as a geontological agent, in constant change.

Ana Roman

1. The work in question was created in collaboration with Thiago Hersan and will be exhibited in September at the independent space Canteiro, in São Paulo.
2. POVINELLI, Elizabeth A. "Do rocks listen?", in: *American Anthropologist*. New Series, vol. XCVII, no. 3 (1995), pp. 505-518.
3. Old Man Rock, or Darri-ba Nungalinya, is a sacred rock located near the coast of Nightcliff, in the city of Darwin, Northern Territory, Australia. According to tradition, its spirit, when disturbed by human actions, can cause devastation, triggering extreme weather phenomena such as violent storms and cyclones.
4. POVINELLI, Elizabeth A. *Geontologies: A Requiem to Late Liberalism*. Durham: Duke University Press, 2016.
5. An expression that refers to the thought of Donna Haraway. She challenges us to "think differently" by questioning traditional divisions between nature and culture, human and non-human. She proposes abandoning the hierarchical view that places humans at the center and, instead, embracing the interdependence of species, technologies, and the planet. According to Haraway, this new way of thinking requires collaboration and co-evolution among diverse forms of life, promoting a more balanced and less exploitative coexistence in a constantly changing world. For more information: HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
6. An expression used by Marisol de la Cadena in the article "Indigenous Cosmopolitics in the Andes: Conceptual Reflections beyond 'Politics.'" In: *Cultural Anthropology*, vol. 25, no. 2, 2010, pp. 334-370.
7. HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press, 2016.
8. The expression refers to Jonathan Crary's book *Terra Arrasada*, in which the author discusses how late capitalism and the "internet complex"—comprising social networks, artificial intelligence, and other digital technologies—limit our existence and devastate the environment and society. For more information: CRARY, Jonathan. *Terra Arrasada*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.



CALORCITO

Mari Nagem

texto curatorial de Ana Roman

curatorial text by Ana Roman

14.09.24 - 19.10.24

- 1.Ondas de Calor, 2024
- 2.ritual, spirit, money, 2024
- 3.Estratégias de proteção, 2024
- 4.Poente, 2021-2024
- 5.rain, heat, death, 2024
- 6.hot, earth, end, 2024

- 1. Heat Waves, 2024
- 2. ritual, spirit, money, 2024
- 3. Protection Strategies, 2024
- 4. Sunset, 2021-2024
- 5. rain, heat, death, 2024
- 6. hot, earth, end, 2024